

Documentação
Fonte: Exame Ano 31 no 2
Data: 14/1/1988 P. 28-31
Class: 124 História Geral

BRASIL

A FLORESTA PEDE ÁGUA

■ Por Adriano Silva, de Kyoto

UM SUJEITO DE TAIWAN ME OLHA sério e diz que o Brasil é hoje o maior destruidor de florestas tropicais e equatoriais do planeta. Digo que em um país em desenvolvimento, com graves problemas socioeconômicos para resolver, as preocupações ecológicas nem sempre são prioridade. Minha tentativa de resposta é cretina. Para falar em nome do país, percebo estar usando o argumento cínico que encobre o descaso com que tratamos a questão ecológica. Algo se retorce dentro de mim. Sei que o que o sujeito diz é verdade. Sei que não é de hoje e sei que continuará sendo assim.

Ele pergunta por que cortamos a madeira e ateamos fogo na Floresta Amazônica. Digo que a concentração da terra no Brasil empurra populações inteiras para a Amazônia, onde o solo deveria ser de todos mas de fato é de ninguém. Ele retruca que, se a terra é de todos, deveriam ser consideradas crime a derrubada e a queima das matas. Ele não compreende, sobretudo, como pode haver escassez de terra em um país como o Brasil, centenas de vezes maior do que Taiwan (mais precisamente, 230 vezes). Conto para ele o caso de colonos paupérrimos que profanam a floresta para ter o que comer. Agricultura de subsistência, talvez a atividade econômica mais primitiva do homem. Não revelo o fato de que o solo amazônico não se presta à agricultura. E não menciono os aventureiros que cortam árvores e destroem ecossistemas mais antigos do que a própria humanidade para plantar soja e criar gado,

O país não precisa destruir a natureza para se desenvolver. Ao contrário, preservá-la pode melhorar a nossa imagem — e, de quebra, trazer muitos dólares



Exame anual vol 2
14/1/90 p. 29 cont.
124



Turistas na região amazônica: trazem dólares, mas para ver a floresta preservada

LUIS VERGA

tirando proveito da convivência de autoridades da região e do país e da inércia da própria sociedade brasileira.

Não falo também das empresas, muitas delas praticando extrativismo predatório, que possuem milhares de quilômetros quadrados da Amazônia. Resultado do desenvolvimentismo nescio dos anos de ditadura militar, que enxergava na Amazônia uma enorme seara para deitar asfalto e concreto e erigir chaminés e espigões. Resultado ainda do descaso e da má-fé de governantes locais e nacionais que têm se revezado no poder desde então. Omito todos esses detalhes para que o absurdo não cresça aos olhos do meu interlocutor. Como se pudesse, dessa forma, evitar ou não perceber eu mesmo o fato cristalino de que o disparate está lá, presente, pulsando. Sinto vergonha.

CONTRADIÇÃO — O sujeito se despede e vai embora. Deve imaginar que é uma perigosa ironia a Amazônia, último e maior santuário da vida no planeta, estar sob a guarda do Brasil e dos brasileiros. Acredita, talvez, que as florestas tropicais e equatoriais teriam um futuro bem mais tranqüilo se estivessem sob a jurisdição de escandinavos ou alemães.

É claro que há nisso uma contradição que diz respeito a todos os países, não apenas ao Brasil: a preocupação ecológica é um fenômeno de sociedades pós-industriais. De modo geral, o sujeito só se torna verde depois que aniquila todo o verde que tinha à sua volta. É assim com os Estados Unidos, cuja voracidade em relação ao meio ambiente, desde suas origens como nação, não tem par. É um pouco assim, também, com o Japão. A fuligem no ar japonês é assustadora (motoristas japoneses têm o hábito de tirar longas sonecas com o motor e o ar-condicionado do carro ligados). Em contrapartida, o país sediou em dezembro uma conferência das Nações Unidas para discutir a redução da emissão de gases na atmosfera. Quase não há peixes em boa parte da costa japonesa, por conta do ritmo esfaimado da indústria pesqueira, mas essas águas são relativamente mais limpas do que as brasileiras. De um

Exame Ano 31 v22
14/1/98 30 cont.

BRASIL

lado, o Japão financia a destruição do meio ambiente em lugares como a Indonésia e a Malásia. De outro, é possível dizer que os japoneses privilegiam a conservação da natureza em seu país: as montanhas são verdes e cerradas e não há caça aos animais silvestres. Talvez o Japão esteja realizando a curva que leva do industrialismo autista para a responsabilidade ecológica.

SETE QUEDAS — De todo modo, a constatação de que o ambientalismo floresce mais facilmente nos países ricos não deve causar nos brasileiros um dar de ombros, como se não nos restasse alternativa senão destruir para crescer. Só porque em vários países o desenvolvimento ocorreu à custa do quase esgotamento dos recursos naturais, não significa que precisemos incorrer no mesmo erro. Ao contrário, esse quadro dá ao Brasil a chance de aperfeiçoar a experiência de crescimento de boa parte das economias industriais. E também de angariar o respeito e a admiração do mundo ao realizar um desenvolvimento econômico pujante e compatível com a preservação ambiental. Temos tudo para empreender dessa maneira. Só nos falta um pouco mais de inteligência na hora de planejar e conduzir o país.

É essencial que sejamos criativos. Não é possível que para o Brasil o fato de abrigar a Amazônia, o Pantanal e tantas maravilhas naturais seja um peso, um atravanco, e não uma satisfação e uma vantagem. A preservação do meio ambiente não implica a preservação de condições subdesenvolvidas, como geralmente se acredita em países subdesenvolvidos. Ninguém discute, por exemplo, a urgência da demanda energética brasileira e a importância de uma usina como Itaipu para a solução do problema. Não precisávamos, no entanto, ter varrido Sete Quedas do mapa por conta disso. Com um pouco menos de obtusidade política e um pouco mais de consciência ecológica, senão de sensibilidade estética e bom senso, poderíamos ter todos os quilowatts de Itaipu e

ainda teríamos aquela que era uma das pérolas do turismo no planeta para visitar com os filhos nas férias.

O que fariam escandinavos, ingleses ou alemães se tivessem a Amazônia e o Pantanal em seu território? Mais: o que fariam se os recebessem agora e precisassem enfrentar os problemas de invasão e devastação atuais? É bem provável que simplesmente organizassem o desenvolvimento daquelas regiões a partir de parâmetros conservacionistas bem-postos, erradicando de lá toda atividade econômica nociva ao meio ambiente. Os termos da nova ordem seriam simples, sua implantação seria rápida e sua fiscalização, rigorosa. Uma receita anglo-saxã de lógica, retidão e eficiência que nós, latinos, por alguma razão esotérica, não conseguimos até hoje aviar.

Há pelo menos dois negócios com o perfil da Amazônia: a indústria farmacêutica e o turismo — também se poderia citar o extrativismo vegetal baseado na coleta, como no caso do látex e de frutas e ervas da região. Todos nós já

incluindo alergias e cânceres. A exploração da Amazônia pela indústria farmacêutica é uma garantia de que esse processo de destruição seria estancado. Afinal, como ocorre hoje com a atividade dos seringueiros e demais coletores, o extrativismo vegetal de ordem microbiológica e biotecnológica necessitaria da floresta para prosperar.

De outro lado, o turismo como vocação para regiões como a Amazônia e o Pantanal é o óbvio ululante de Nelson Rodrigues: ele esfrega sua evidência em nosso nariz de um modo tão explícito que não o percebemos. Com o estabelecimento de uma infra-estrutura mínima — rede hoteleira diversificada, guias multilíngües, sistema de transporte e comunicação eficiente, centros de atendimento de saúde bem equipados —, o Pantanal e a Amazônia experimentariam um *boom* econômico baseado no turismo. Convencidos da solidez da empreitada, os japoneses seriam os primeiros a desembarcar aos milhares para conhecer a floresta. Os japoneses adoram o exotismo — embora precisem de claras garantias de segurança para topar a aventura. Muitos deles jamais viram uma vaca ou uma ovelha ao vivo. Avistar meia dúzia de animais tropicais em seu habitat natural seria tema

Com um mínimo de infra-estrutura, o

Pantanal e a Amazônia experimentariam um

boom econômico baseado no turismo

ouvimos pelo menos uma vez a denúncia de que espécies vegetais e animais estão sendo dizimadas na floresta em um ritmo mais rápido do que o da ciência em catalogá-las e analisá-las. O homem as estaria aniquilando antes mesmo de conhecê-las.

Muitas dessas espécies, ao desfalcar a cadeia alimentar e o ecossistema a que pertencem, estariam, de um lado, condenando à morte toda uma fila de outros seres e, de outro, liberando microorganismos danosos à saúde humana, como vírus e bactérias ainda desconhecidos. Sobretudo, ao desaparecer, essas espécies estariam levando consigo substâncias e enzimas que eventualmente poderiam se revelar úteis à cura de uma série de doenças que nos afligem, da Aids à gripe,

para um japonês contar a seus netos. Eles são, ainda, fanáticos por pescaria (daquele tipo civilizado em que o cidadão mede o peixe, tira a foto e o devolve às águas). Um japonês que puxasse um pirarucu das águas do Solimões talvez nem quisesse voltar para o seu emprego na Matsushita e para seu Toyota Celsior. Ou, no mínimo, retornaria à Amazônia todo ano, trazendo cada vez mais amigos para torrarem juntos seus bônus sobre as águas da região.

SILÊNCIO VERDE — Com os japoneses, virão hordas de europeus, americanos, gente de todo o mundo. Afinal, todos vêem com maior ou menor grau de clareza a Amazônia como a grande reserva natural do planeta. Não há nada parecido na Terra, nem em magnificência nem

Exame Avd 31 nº 2
14/1/98 31 cont
1 1

em magnetismo. A região tem uma electricidade especial, um quê de misticismo que emana daquele silêncio verde, virgem. Enfim: um diferencial absolutamente vendável, fácil de promover. Se os americanos conseguem fazer milhões com uma cidade de mentira no meio de um deserto tórrido, somente sendo muito incapazes e míopes não faríamos muito mais posicionando a Amazônia como um paraíso para turistas do mundo inteiro (o mesmo vale para o Pantanal e para os outros excelentes roteiros naturais incrustados pelo território nacional). O resto é apenas a nossa crônica falta de visão estratégica, talento empreendedor, tino empresarial e bom gerenciamento.

Já se falou na possibilidade de o Brasil cobrar do planeta para manter a Amazônia intocada, na forma de impostos ou de facilidades comerciais angariadas em outros países. Bem, isso não parece factível. Nem digno de uma das 10 maiores economias do planeta. Sobretudo, isso parece chantagem. Como se estivéssemos dirigindo um ônibus em alta velocidade e exigindo dinheiro dos passageiros para não jogar o veículo do penhasco. Na prática, no entanto, o turismo pode funcionar como uma maneira de dividir com outros povos os custos de preservar a Amazônia. Só que não de modo birrento, como faria uma nação adolescente, e sim com uma lógica econômica simples: temos regiões que todos querem conhecer e ver preservadas. Geramos faturamento e lucro com a transformação desses locais em produtos turísticos. Boa parte da receita auferida é utilizada na preservação dessas regiões — se não por causa mais alta, para garantirmos a continuação do negócio. Uma inversão total em relação ao que ocorre hoje, porque a maioria dos negócios que operam atualmente na Amazônia implica devastação.

É desnecessário frisar o resultado desse tipo de política em termos de divisas para o país. Vale a pena comentar, no entanto, a mudança de perspectiva para as populações que hoje encaram a

sobrevivência na Amazônia como uma luta contra a natureza. Com o turismo, a existência de um rio límpido, com pirarucus e jacarés, vivos e abundantes, é o que trará os dólares. O sujeito que ganhava meio salário mínimo ao mês jogando mercúrio no rio ou escorchando animais pelos seus couros e peles, ou ainda derrubando árvores milenares para plantar mandioca e milho, ganhará várias vezes mais sendo um guia, um cozinheiro ou mesmo um carregador de malas na indústria hoteleira. Seu ganho dependerá da conservação do meio

lei que hoje dominam a região. Tão importantes quanto a vontade política do governo de alterar aquele quadro serão a visão empresarial renovada e o arcabouço ético e liberal de empreendedores arejados. Esses serão, de fato, os agentes da mudança.

Aos aventureiros sem escrúpulo, que se estabelecem na Amazônia porque ali se sentem na casa da mãe Joana: rua, Lei e cadeia. A floresta não é lugar de fazendeiros. Nem de lavouras nem de rebanhos. Não é lugar de garimpo. Nem de madeiras. Isso é básico. Nada se fará enquanto esse não for um posicionamento nacional claro e indiscutível. A questão agrária nas outras regiões do país não pode servir de justificativa para a invasão e o devassamento da floresta ou de qualquer outro santuário

natural. Ao tráfico internacional que em breve chegará ao território brasileiro pela selva, na forma de associações entre os traficantes da Colômbia, do Peru e da Bolívia e seus pares nacionais, aliciando as populações pobres da região: exército. Rastreamento e eliminação de pistas de vôo clandestinas, destruição de centros de refino e pontos de conexão. As populações indígenas que habitam a região: respeito à sua cultura e às suas terras, proteção contra agressões externas e, sobretudo, não-interferência.

A imagem do Brasil no exterior está estreitamente ligada à sua política ambiental. Muito mais do que supomos dentro do país. A comunidade internacional aplaude nossa inflação de um dígito prevista para este ano. Mas está bastante preocupada com os focos permanentes de incêndio na Amazônia e com o fato de a floresta estar a cada dia menor, mais vilipendiada, entregue a grileiros e oportunistas de todo calibre. Enquanto for conivente com absurdos desse quilate, o Brasil não contará com a consideração que merece na arena internacional. Sobretudo, não superará a falsa contradição entre preservação ambiental e desenvolvimento econômico que ainda hoje fomenta o discurso vil de muitos planejadores, políticos e empresários no país.

A comunidade internacional está bastante preocupada com o fato de a Floresta Amazônica estar a cada dia menor

ambiente. Sua sobrevivência será provida pela natureza, não será algo que ele tem de arrancar dela com unhas, dentes, serras elétricas e espingardas. De forma sutil mas definitiva, o turismo transforma, com sua lógica econômica, o algoz que empreendia a destruição em um conservacionista convicto. Mais efetivamente do que qualquer discurso, teoria, lei ou pregação.

SÉCULO XXI — A inflexão que o turismo acarretará às populações locais tem ainda outra face. Ele retirará gente da agricultura de subsistência, e de outras atividades típicas de um ambiente econômico subdesenvolvido, e a colocará diretamente no setor de serviços. Isso significa realizar em um par de anos, e ao custo de umas poucas leis, diretrizes e ações administrativas que em nada oneram o erário, o salto da Idade Média ao século XXI para alguns milhares de brasileiros miseráveis, ignorantes e ribeirinhos que hoje, ao mirar o futuro, não sabem para que lado olhar. Evidentemente, é necessário que o governo precipite essa inflexão nos modos de pensar e agir criando balizas legais e conduzindo politicamente o processo. Mas é fundamental que o Brasil Moderno vá até a Amazônia e troque de lugar com os muitos fora-da-